

OS IMPACTOS DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Tamara de Sousa Sena¹, Wiviany Souza de Lima², Ana Cristina Oliveira Ferreira³, Nilson de Sousa Silva Filho⁴, Sirneto Vicente da Silva⁵

¹Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: tamara.sena@aluno.uece.br

²Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: wiviany.lima@aluno.uece.br

³Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: cristina.ferreira@aluno.uece.br

⁴Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: nilson.silva@aluno.uece.br

⁵Professor do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: sirneto.silva@uece.br

Introdução

O vigente resumo foi desenvolvido por graduandas da Universidade Estadual do Ceará do curso de Pedagogia do *campus* de Limoeiro do Norte-CE, a partir de encontros e discussões do Grupo de Estudos Alfabetização de Crianças, Formação de Professores e Psicologia Histórico-Cultural (GEALFAFORPHCULTURAL), filiado ao Grupo de Pesquisa e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA).

Desta forma, o objetivo deste trabalho consiste em identificar e analisar as relações entre a alfabetização e a aplicação de avaliações externas à luz da Teoria Histórico-Cultural, uma vez que se observa a argumentação dessas avaliações como sendo para melhorar a aprendizagem, porém os resultados reais dizem o contrário.

Nesse sentido, o referencial teórico colaborou para o aprofundamento das discussões no campo da alfabetização relacionadas às provas externas com base na perspectiva da psicologia histórico-cultural, assim como sua relevância no processo de alfabetização. Com isso, salienta-se a atenção direcionada a estas avaliações utilizadas em nosso sistema de ensino referentes ao desenvolvimento da escrita e leitura dos discentes.

Metodologia

Este estudo apoia-se nos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, a partir de textos científicos que tratam da problemática da aprendizagem das crianças em processo de alfabetização e sua relação com as avaliações externas. Nesse contexto, destaca-se o estudo de Vigotski sobre a formação dos conceitos espontâneos e dos conceitos científicos nas crianças, o qual contribui para as análises aqui desenvolvidas.

Desse modo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, a qual é uma das técnicas mais utilizadas, pois é desenvolvida usando como base, material elaborado, composto principalmente por artigos científicos e livros (Gil, 2002). Para tanto, foram utilizados para a construção do texto os trabalhos das autoras Rego (1995), Leal *et.al* (2017), Gontijo (2014).

Resultados e Discussões

De modo primordial, ressaltam-se as discussões da perspectiva vigotskiana na no contexto da alfabetização relacionada aos conceitos espontâneos e conceitos científicos, cujo desenvolvimento destes conceitos no processo de aprendizagem revelam ter variados resultados a partir da interação cultural. Conforme Rego (1995) enfatiza, os conceitos são compreendidos na percepção de Vigotski como um sistema de relações e generalização contido por palavras a partir do contexto cultural.

Torna-se relevante mencionar que na teoria de Vigotski os conceitos cotidianos são construídos a partir da observação, manipulação e experiência da criança, já os conhecimentos científicos se desenvolvem na interação sistematizada propiciada pela escolarização. Nesse sentido, além das vivências cotidianas, a prática pedagógica também se evidencia como elemento desta mediação entre os conceitos já que ambos estão relacionados ao desenvolvimento e aprendizado.

Porém, salienta-se que a transmissão mecânica destes conhecimentos se apresenta de forma negativa no processo de formação, assim como Rego (1995, p. 78) comenta: “[...] um conceito não é aprendido por meio de um treinamento mecânico, nem tampouco pode ser meramente transmitido pelo professor ao aluno: ‘o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero’”. Desta maneira, enfatiza-se que a mera assimilação destes conhecimentos resulta em um verbalismo vazio precedente da mecanização.

Deste modo, salienta-se a problemática existente na educação brasileira em relação ao processo de alfabetização: a aprendizagem da leitura e escrita das crianças mensuradas por sistemas de avaliação. Assim, enfatiza-se a proposta de implementação do Ministério da Educação (MEC) em garantir investimentos para programas que auxiliam na promoção do desempenho escolar, dessa forma, as avaliações externas como Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Provinha Brasil, por exemplo, são utilizadas para obter dados de eficácia educacional no aspecto da alfabetização.

Segundo Gontijo (2014), apesar das modificações conceituais e pedagógicas sugeridas na dimensão educacional na década de 1990, salienta-se que os aspectos mecânicos de ler e escrever permaneceram, determinando uma concepção de alfabetização pautada no processo de codificação e decodificação, apenas. Desta forma, a autora exemplifica o Programa Pró-letramento como uma das alterações implementadas pelo MEC com o objetivo de solucionar o fracasso escolar. Com isso, foram ofertadas formações continuadas para os docentes, porém salienta-se a presença do construtivismo nos exercícios educacionais, tornando evidente a desinvenção da alfabetização de acordo com Soares (*apud* Gontijo, 2014).

Neste contexto, a análise de questões e do objetivo de implementação das avaliações externas presentes no sistema de ensino brasileiro evidenciaram a dicotomização dos conceitos cotidianos e científicos na práxis. Conforme Leal *et al.* (2017), a centralização da avaliação é o domínio do sistema alfabético de escrita, logo revela que a partir da análise de documentos curriculares há indícios de estratégias a serem desenvolvidas no exercício de leitura e escrita, porém evidencia-se que estas técnicas abordadas suprem ainda mais a mecanização da alfabetização e do letramento.

Com isso, destaca-se a influência construtivista nas bases de planejamento destas provas em que as habilidades a serem desenvolvidas a partir da leitura e escrita, exigem das crianças um nível de leitura com compreensão simples, isto é, literal, que não extrapola o texto, não exige outros conhecimentos para que as crianças compreendam o que leu. Do mesmo modo, a escrita é tratada apenas como codificação, sem análise linguística, para que as crianças percebam, por exemplo, porque determinada palavra foi empregada pelo/a autor/a do texto e não outra palavra.

O impacto dos resultados das provas externas influencia o ensino de base alfabética. Leal *et al.* (2017) destaca em seu estudo que avaliações como a Provinha Brasil, acaba exigindo nas questões nível de leitura que não demanda compreensão de textos mais complexos. Muitas questões são simples, cobrando o básico do aluno como codificação e decodificação para responder a prova, é necessário discutir, “[...] sobre a progressão escolar das crianças e as expectativas acerca do que deveriam aprender nos anos iniciais do ensino fundamental” (Leal *et al.*, 2017, p. 190).

Em relação ao processo de avaliação, principalmente sobre a complexidade no modo de avaliar a leituras dos estudantes, é preciso debater se as avaliações externas são instrumentos adequados para medir o desempenho e a aprendizagem da leitura e da escrita das crianças, pois, sendo o processo de alfabetização algo complexo, deve-se explorar textos que cobram maior interpretação.

Usando como parâmetro das avaliações externas, Leal *et al.* (2017) destaca que o foco do trabalho não está na formação dos sentidos textuais, o professor ensina questões de leitura que geralmente não têm como objetivo principal o desenvolvimento da capacidade de leitura das crianças. Muitas vezes, usam o texto como um pretexto para trabalhar outros conteúdos curriculares. Assim, o docente é orientado a seguir as exigências e preparar as turmas para o formato de questões das avaliações externas e alcançar os resultados impostos pelos órgãos superiores.

A difícil relação entre escolarização e desenvolvimento econômico, individual e social tem sido o orientador do trabalho dos organismos internacionais e dos governos de realizar esforços para a alfabetização. Gontijo (2014) afirma que no começo do século XXI, levando em consideração os documentos oficiais, foi apontada a incapacidade da escola em trabalhar a questão da alfabetização que correspondesse aos resultados esperados por um modelo, que integrasse à formação do indivíduo os desejos do mercado econômico mundial. Dessa maneira, segundo Gontijo (2014, p. 113, grifos do original),

Um sistema de avaliação é o melhor mecanismo para atender às finalidades de controle, [...] a existência de uma avaliação produz efeitos singulares nos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a “Matriz de referência para avaliação da alfabetização e do letramento inicial” tem organizado o ensino nas escolas. Além disso, conforme relatos de professores e pedagogos, em muitas escolas estão acontecendo os chamados “vestibulinhos”, ou seja, as crianças estão sendo treinadas previamente para fazer o teste. No “vestibulinho”, as escolas utilizam as versões das provas aplicadas.

Sobre as avaliações externas, Gontijo (2014) usa como parâmetro a Provinha Brasil que aponta para um modelo de alfabetização como junção de competências autônomas, que estão descritas na matriz de referência como a forma de descritores, capacidades e habilidades. É analisado que mesmo com o uso do termo letramento com objetivo de representar a dimensão funcional e pragmática, para utilizar a linguagem escrita para demandas sociais e profissionais, não são alcançados os objetivos sociais, seguindo a matriz, o conteúdo e a forma dos testes externos, impostos à educação brasileira.

Conclusões

Neste trabalho, analisamos o impacto das avaliações externas no processo de alfabetização dos estudantes. As avaliações padronizadas servem, para o Estado, como marcadores de aprendizagem, porém o ensino fica limitado somente à preparação dos/as alunos para responderem aos testes e o ensino acaba sendo reduzido aos resultados.

Considerando tais ponderações, as avaliações ressaltam mais o conteúdo do sistema de escrita do que as habilidades de compreensão de textos complexos. Como o tema discutido no texto, o estudo enfatiza a importância não só dos conceitos cotidianos construídos a partir da observação, mas também a necessidade da volta da valorização dos conhecimentos científicos que se desenvolve na interação sistematizada pela escolarização.

Identificamos a necessidade de conversar sobre a importância que vem sendo atribuída às avaliações externas e observar como estas são utilizadas para adaptarem os indivíduos à ordem econômica, política e social vigentes, sem trabalhar o seu conhecimento crítico. Ao contrário, buscam apenas os resultados necessários nas provas externas, deixando de aprofundar a leitura e escrita do estudante para ir além dos modelos das questões de provas que viraram o centro da atenção da educação do Brasil.

Palavras-chave: Alfabetização; Avaliação Externa; Histórico-cultural.

Referências bibliográficas

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2002.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Os programas implementados pelo Ministério da Educação. In: GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 65-132.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. NASCIMENTO, Julliane Campelo do. Habilidades de compreensão leitora: seu ensino e sua avaliação pela Provinha Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, jan.-mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/t4SYZ5xxGHsrFNG5fGXkFVh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2026. p. 187-211.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

